

Era uma vez um *Correio Infantil*: percurso panorâmico pela página das crianças do *Correio do Povo* (Porto Alegre, RS, 1958 – 1984)¹

Cida Golin²

Luciano Alfonso³

Amanda Gomes⁴

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

Entre 1958 e 1984, uma página do jornal *Correio do Povo* (Porto Alegre, RS), da extinta empresa Caldas Júnior, conversou com jovens leitores, construindo entre eles e o diário sulino um forte vínculo de acolhimento, afeto e estímulo à leitura. Este artigo apresenta o primeiro percurso em torno da página *Correio Infantil* do *Correio do Povo* e da história de vida de sua mentora, professora e jornalista Maria de Lourdes Sá Britto. Integra um projeto maior desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em História da Comunicação da FABICO | UFRGS. A partir de análise documental e da realização de entrevistas, destaca, entre os gestos editoriais da equipe, a promoção do livro e da leitura, a mediação das cartas, a recorrência ao ponto de vista da criança e a abertura do jornal para o protagonismo do leitor.

Palavras-chave: jornalismo infantil; *Correio Infantil*; *Correio do Povo*.

Introdução

Entre 10 de agosto de 1959 e 10 de junho de 1984, uma página do jornal *Correio do Povo* dialogou com pelo menos duas gerações de leitores no Rio Grande do Sul, construindo entre eles e o diário impresso um forte vínculo de acolhimento, afeto e estímulo à leitura. Neste período, semanalmente, mais de uma centena de cartas chegava à página *Correio Infantil*, e crianças eram vistas na redação buscando seus prêmios em forma de livros. Não raro, os jovens eram convidados a passar algumas horas visitando as oficinas, tentando apreender a rotina de um jornal e daquela página que os transformaria em protagonistas. Por trás da sua edição, trabalhou durante 26 anos Maria de Lourdes Sá Britto (1925–2008), professora, especialista em crianças com necessidades especiais, uma das

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Profa. Dra. do Curso de Jornalismo e de Museologia da FABICO – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisadora CNPq. E-mail: golin.costa@ufrgs.br

³ Doutorando do PPGCOM na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: luciano.alfonso@gmail.com

⁴ Estudante do 8º semestre do Curso de Jornalismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: dih.gomes@gmail.com

primeiras jornalistas no Rio Grande do Sul a se vincular a uma redação majoritariamente masculina.

Este artigo é o primeiro percurso em torno da página *Correio Infantil* do *Correio do Povo* e da história de vida de sua editora, Maria de Lourdes Sá Britto. O trabalho integra um projeto maior, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em História da Comunicação da FABICO-UFRGS, intitulado Histórias de vida na Comunicação – Trajetórias profissionais no Rio Grande do Sul. Nesta primeira visada, apresenta-se um panorama das principais características da página ao longo de quase três décadas de circulação semanal, destacando a participação dos leitores, as temáticas mais recorrentes e alguns dos gestos editoriais de sua equipe.

Este primeiro mapeamento foi produzido na disciplina Laboratório de Pesquisa do Curso de Comunicação da FABICO-UFRGS, nos anos de 2015 e 2016, e desenvolvido no Laboratório de Edição, Cultura e Design (LEAD).⁵ Durante dois semestres, foram realizadas as seguintes ações: leitura e organização dos documentos recebidos da família de Maria de Lourdes Sá Britto,⁶ catalogação de recortes de jornal e excertos do *Correio Infantil*, cartas de leitores da página e de alunos de Maria de Lourdes, documentos pessoais, entre outros materiais diversos; realização de cinco entrevistas, seguindo preceitos da História Oral temática (ALBERTI, 2013), com familiares da jornalista e colegas de redação⁷; e, por fim, análise flutuante de uma amostra composta das décadas de 1950, 1960, 1970 e 1980, obtida a partir de pesquisa no arquivo do jornal *Correio do Povo*, em Porto Alegre, a fim de detectar as principais alternâncias temáticas e gráficas da página e suas especificidades. Parte do resultado deste esforço de entender a experiência do *Correio Infantil* será exposto a seguir.

⁵ Nos dois semestres, a disciplina foi coordenada pelos professores Cida Golin e Luciano Alfonso. Os alunos que participaram em 2016 foram: Amanda Gomes da Silva, Brenda Cruz, Douglas Freitas, Gabriel Brum, Mayuri Winckiewicz e Yamini Benites. Em 2015: Ana Carolina Giollo, Bruna Andrade, Julia Corrêa da Rocha, Laura Becker da Luz e Pedro Veloso.

⁶ Este material foi cedido para a pesquisa pela jornalista e professora da USP, Claudia Lago. Encontra-se, no momento, sob a guarda do LEAD.

⁷ Em 2016, os alunos pesquisaram nomes possíveis para realizar entrevistas procurando esboçar um perfil de Maria de Lourdes Sá Britto e, ao mesmo tempo, registrar memórias de leitura da página infantil. Vários contatos foram feitos e, desse esforço, conseguimos entrevistar os colegas de redação e contemporâneos de Maria de Lourdes Sá Britto, jornalistas Antônio Hohlfeldt, Carla Irigarai e Ney Gastal. Para traçar um perfil da editora a partir do depoimento da família, convidamos as sobrinhas Mara Lago e Mônica Sá Britto Gonzales Fonseca.

Contexto de publicação

Em 09 de agosto de 1959, quando o *Correio Infantil* fez seu primeiro aniversário após 52 edições dominicais, já ocupava, no corpo do jornal, o lugar prestigiado de uma contracapa de caderno. Ao deslocar-se no espaço gráfico, não necessariamente na contracapa, demarca o sucesso que angariou desde sua primeira aparição em apenas meia página do *Correio do Povo*, jornal da Companhia Caldas Júnior, empresa hegemônica no sul do Brasil e um dos principais jornais brasileiros à época. Por meio do recurso da personalização, fazendo do jornal personagem, típica estratégia narrativa utilizada pela página ao longo dos anos, escreve o “Bilhete aos meus pequenos leitores”, que transcrevemos em parte:⁸

[...] A redatora, encarregada de meu conteúdo, procura encontrar histórias interessantes; lendas da nossa terra e de outros povos; aspectos das nossas capitais e de outros países; adivinhações; e o “Quem é que sabe?”, 10 perguntas que são um teste para verificar o aproveitamento escolar de meus amiguinhos.

Ela lê todas as cartas que vocês me escrevem. Procura responder e agradecer as perguntas, as colaborações e as palavras de carinho que vocês me enviam. Depois disso pronto, ela me entrega ao paginador. Este, então, “rompe a cabeça”, para organizar toda a matéria dentro de uma página do *Correio do Povo*.

[...] O mais engraçado é que às vezes os três discutem por minha causa. Assim se hoje estou mais bonito por uma coisa nova que tenho (não vou dizer o que é para ver se vocês são bons observadores; sortearei um livro entre os que a descobrirem) devo ao desenhista, que vinha lutando há muito tempo com o paginador para me tornar mais atraente ainda.

[...] Outra coisa: geralmente eu sou paginado [feito] nos sábados à noite, e assim a redatora e o desenhista, como vocês também, me esperam com ansiedade no domingo, para ver como eu saí. É que nem sempre o paginador utiliza toda a matéria dada, pois às vezes, na hora de paginar, falta ou sobra espaço, e ele tem de tirar ou pôr alguma coisa, por conta própria.

⁸ Recorte do arquivo pessoal de Maria de Lourdes, *Correio Infantil*, 09 de agosto de 1959, p. A ortografia foi atualizada ao longo dos excertos utilizados do jornal.

Ao longo de 26 anos, a página infantil foi alternando seu perfil gráfico. Pela amostra, verificamos que trocou de logotipo pelo menos seis vezes. De uma construção abarrotada de textos e de poucas ilustrações nos primeiros anos, passou a ganhar, especialmente na fase final, arejamento maior, amplitude de imagens e legibilidade de leitura em contraponto à redução do conteúdo, provavelmente seguindo as reformulações gráficas do próprio jornal.



Figura 1. As diferentes fases: à esquerda, página em 06.10.1968. À direita, última edição em 1984.

O slogan “Histórias, passatempos e diversões educativas”, presente na década de 1960, sintetiza seu perfil inicial marcadamente pedagógico e lúdico. Cartões-postais, adivinhações, desenhos para colorir e completar, bonecas para recortar e montar, quadrinhos, constituem uma espécie de miscelânea dirigida a uma faixa de público de quatro anos até a adolescência.

No final dos anos 1950, a publicação de páginas infantis constituía um nicho em expansão. Segundo dados da tese de Furtado (2013), o *Globinho* (*O Globo*) começou a circular em 1938; a *Folhinha* (*Folha de São Paulo*) em 1963 e a revista *Recreio* em 1969. A revista *Tico-Tico*, contudo, pioneira na divulgação de quadrinhos e paradigma do gênero infantil desde 1905, encontrava-se em declínio sem conseguir cumprir sua periodicidade semanal desde 1957. *Tico-tico* tinha como propósito a educação das futuras gerações. Ao valorizar a cultura letrada, buscava tornar o público participante de sua proposta editorial e,

para isso, recorria a um tom carinhoso, a uma linguagem coloquial e a certo preciosismo linguístico, conforme descrição de Vergueiro e Santos (2008). No Rio Grande do Sul, havia desde 1954 a revista *Cacique*, editada pela Secretaria de Educação do Estado, que dirigia-se ao alunato e ao magistério do primário com intuito de difundir valores canônicos da educação oficial e a figura da criança modelar (BASTOS, s/d). Outro periódico infantil, também referência no período, chamava-se *Sesinho* e circulou, na primeira fase, até 1960, vinculado ao SESI.

O recurso narrativo de construir um vínculo de afeto e proximidade, interpelando diretamente o leitor com a marca da oralidade, foi gestado pela página do *Correio* desde o início. A página fazia de si personagem, convidava crianças e jovens a se tornarem protagonistas das histórias (seção Coisas de criança), autores de textos (seção Crianças Colaboram), e se articulava em torno de elementos bastante valorizados: a promoção do gosto pela leitura, do livro e da escrita de cartas, não apenas dos leitores residentes na Capital, mas de um expressivo contingente de filhos de assinantes do interior do Estado – comprovando a força regional do jornal –, além de assinantes no Estado de Santa Catarina e do Paraná.

A cidade de Porto Alegre, por exemplo, era apresentada às crianças a partir dos espaços que convidavam ao hábito cotidiano da leitura, demarcado na sala infantil da biblioteca central com 5.845 volumes, na cobertura sistemática da feira anual de livros da Praça da Alfândega, na divulgação das novidades infantis que chegavam às livrarias. A tonalidade pedagógica expressava-se pela escolha dos temas, pelo exercício cíclico de retomada das efemérides (festas religiosas como Natal, Páscoa, São João, comemorações cívicas, etc.), pelos conselhos e orientações sobre modos de comportar-se ou nas sistemáticas matérias de serviço, pontuando desde a circulação pedestre da criança na urbe (o concurso “Minha amiga sinaleira” e as inúmeras fotos dos guardas de trânsito em frente às escolas) até campanhas de vacinação infantil, passando pelas possibilidades de aproveitar o tempo largo das férias em qualquer lugar físico ou imaginário; em ambos os casos, sem prescindir da companhia de um bom livro.

O livro, a escola e o jornal

Chama atenção na página, desde o início, a proximidade do *Correio Infantil* com o mercado editorial de lançamentos. Todos os concursos e a sabatina semanal dirigida às crianças⁹ tinham como oferta um livro. Na maioria das vezes, este prêmio de leitura abrangia a experiência de conhecer fisicamente a redação da Caldas Júnior, o que implicava também no espelhamento do leitor na própria página, seja pelas suas palavras reescritas pelos “redatores” ou pela sua fotografia impressa ali.

A literatura foi uma temática recorrente desde o primeiro número, que abriu com fábulas de Esopo. Colegas de redação¹⁰ lembram a proximidade das editoras com a página, especialmente a Melhoramentos, que divulgava capítulos e até histórias completas de seus lançamentos, como ocorreu com a série *Aventuras na fazenda de Taquarapoca*, segundo Hohlfeldt (2016)¹¹. No retrospecto da página, realizado em janeiro de 1970, a jornalista agradece o estímulo dos livreiros da cidade, especialmente a Livraria do Globo, a Sulina, entre outras.¹² É importante situar que, entre as décadas de 1960 e 1980, assiste-se a uma expansão da literatura infantojuvenil no Brasil e o desenvolvimento de atributos específicos que acabam se tornando hegemônicos: o aproveitamento escolar; a introdução de forma irreversível do universo da cidade nos enredos; uma busca tateante da crítica social por meio do realismo e o exercício sistemático do ponto de vista da criança, rompendo a onisciência de um narrador adulto e contornando a assimetria característica do gênero. (ZILBERMAN; LAJOLO, 1986).

Como universo narrativo, a página responde a boa parte dessas características e, mesmo no viés pedagógico ou no dever-ser da educação, constrói a figura da criança participativa, inquieta, que estuda e que tem sonhos de futuro. No ritmo cíclico da edição, o mês de março era dedicado à volta às aulas. O *Correio* acompanhava seus leitores nesta passagem, e não foram poucas vezes em que entrou nas escolas captando flagrantes dos colégios públicos e, nesse sentido, registrando o prestígio do sistema público de educação,

⁹ A mais sistemática delas foi o concurso “Quem é que sabe?”, 10 perguntas dirigidas ao leitor sobre temas tratados na página.

¹⁰ Antonio Hohlfeldt (2016), Carla Irigarai (2016) e Nei Gastal (2016) referiram esses dados nos seus depoimentos. Irigarai e Gastal lembram o quanto Maria de Lourdes era criteriosa em distribuir para crianças todos os livros que chegavam à redação.

¹¹ Entrevista concedida por Antonio Hohlfeldt a Amanda Gomes em 29 de abril de 2016.

¹² Como colaboradores são listados as escritoras Maria Dinorah e Tia Lenita, Maria Tecacenco, Fernando Sampaio, Avancini, Mauro Côte Real e outros. BRITTO, Maria de Lourdes. Dez anos: muitos amigos, muita alegria. *Correio Infantil*, 4 de janeiro de 1970. Acervo pessoal, s/indicação de página.

os tradicionais colégios particulares e as impressões dos alunos sobre a experiência escolar. Entre a profusão de imagens lúdicas das crianças, vale destacar também situações de conflito em que a seção, em matéria assinada pela editora, toma à frente dos alunos, como no episódio do rito de admissão em 1968. Pela perspectiva dos alunos, muitas das provas mimeografadas entregues no exame daquele ano apresentavam perguntas ilegíveis, alguns examinandos deixaram perguntas em branco, outros tentaram sem sucesso a ajuda dos professores para entender questões mal impressas no papel. Segue a matéria assinada por Maria de Lourdes:

[...] não foram atendidos em suas pretensões. Acostumados todos eles com a atenção e compreensão de suas professoras do curso primário, não entenderam a recusa dos novos e futuros mestres, com isso perdendo sem culpa própria, vários pontos.

Infelizmente as vagas para a primeira série em quase todos os ginásios são bem menores do que o número de candidatos. [...] Pedem os nossos pequenos amigos, através do “Correio Infantil”, que é o seu jornal, aos diretores e professores de outros ginásios que revisem bem as provas mimeografadas antes de iniciar os exames e que não se recusem a atendê-los, caso ainda houver necessidade.¹³

Esta é uma das tantas situações em que o C.I. toma posição pelos seus jovens leitores. Neste movimento de mediação da página, infere-se o quanto o jornalismo vai ganhando envergadura como instituição referencial no cotidiano de seu público. Se a escola recebe determinada perspectiva nas narrativas jornalísticas – majoritariamente a partir do modelo da cidade capital –, o inverso também ocorre. O universo jornalístico colabora com as atividades de classe, não apenas no estímulo para os jovens produzirem veículos similares ou jornais murais, mas também como tema comemorativo. Era o caso recorrente dos aniversários do *Correio do Povo* festejados regularmente na primeira semana de outubro, com frequência convocando os alunos para escrever sobre o jornal. Como exemplo, apresentamos um excerto das quadrinhas criadas pelos alunos do segundo ano do Ginásio Estadual Euclides da Cunha, publicadas na edição do dia 06 de outubro de 1968: “Nosso jornal é o CORREIO DO POVO/ O CORREIO é honesto e sincero/O CORREIO DO POVO é um jornal legal/ O CORREIO DO POVO é uma BRASA MORA!”

Em 1975, o jornal festeja 80 anos, já começando a enfrentar a crise financeira que o levaria à perda da hegemonia no mercado sulino e ao fechamento em meados de 1984.

¹³ Recorte do arquivo pessoal. BRITTO, Maria de Lourdes Sá. Exame de admissão, *Correio Infantil*, 1º de dezembro de 1968. s/indicação de página.

Nesta ocasião, conforme exemplificamos na figura abaixo, o C.I. se apresenta em forma de homenagens, visibilizando uma demonstração muito particular de capital simbólico expressa na tradicional visita das crianças no prédio da rua Caldas Júnior.



Figura 2. Edição comemorativa dos 80 anos do *Correio do Povo*.

A criança como protagonista e a mediação das cartas

Nesta primeira leitura flutuante pelos recortes de acervo, percebe-se o crescimento do protagonismo dos pequenos nas páginas como autores de cartas e histórias, como fontes das matérias e personagens. Evidencia-se, especialmente, a articulação do ponto de vista infantil pelo uso eventual da primeira pessoa e dos diálogos. A equipe de redação interessava-se em conhecer o jovem leitor, em entrevistá-lo, buscando acompanhar seu crescimento e, sobretudo, registrar suas singularidades.

Nos múltiplos registros, a página oferece um mosaico de percepções infantis, narrando em fragmentos a experiência do que era ser criança em determinado período histórico. Como exemplo, evocamos a longa entrevista publicada em 21 de outubro de 1962 com o menino Fernando André, 8 anos, do Grupo Escolar Benjamin Constant, que conta à redatora seus planos de se transformar em um grande inventor e de criar espelhos falantes

que orientem quem olha para si mesmo.¹⁴ Ou a matéria central que ganhou, em junho de 1971, a menina Delaine Oliveira, 11 anos, quinto ano do Instituto de Educação, após contar à página sua ambição de ser astronauta e comandar uma nave especial, ecoando o impacto recente da chegada dos homens à lua. Ela mandou uma carta para a N.A.S.A. na qual perguntava o que era preciso para ser astronauta, se era divertido ir e voltar da lua. Recebeu a resposta em inglês do departamento americano, e toda essa façanha foi publicada no C.I. com o comentário prudente da menina: “Tenho só onze anos. Daqui a alguns anos, quando eu começar a comandar uma nave espacial, muita coisa já foi aperfeiçoada e descoberta, mesmo assim, acho que as viagens ao espaço não serão muito comuns”.¹⁵

Além dos alunos das escolas da cidade, a página interagia, especialmente, com os filhos dos assinantes, como se pode perceber pela carta abaixo, que descreve a espera de um menino pelo percurso de um jornal atravessando os quase 200 quilômetros que separam Bagé de Livramento, na fronteira do Rio Grande do Sul.

PREZADOS REDATORES.

Sou assíduo leitor do “Correio Infantil”. Estou cursando o 3.º ano primário no G. E. “São Pedro” em Bagé. Meu nome é Hamilton Rosa de Freitas. Meu pai é assinante do “Correio do Povo”. Seu nome é Sebastião Gomes de Freitas. Eu tenho muita vontade de responder as perguntas de “Quem é Que Sabe?” mas não posso porque moramos na campanha. O endereço da cidade é João Pessoa 31 — Livramento.

Vovô João bota o jornal no ônibus e o jornal de domingo chega quase com uma semana de atraso é por esse motivo que não posso responder o “Quem é que sabe?”.

Gosto muito desta página, principalmente das histórias. Gosto também das Aventuras de Tintim”.

Queiram aceitar abraços do amiguinho

HAMILTOM — Bagé

Figura 3. Carta ao *Correio Infantil*. *Correio do Povo*, 13 de janeiro de 1963, p.36.

¹⁴ BRITTO, Maria de Lourdes Sá. Um futuro inventor. *Correio Infantil*, domingo, 21 de outubro de 1962. Acervo pessoal, recorte de jornal, sem paginação.

¹⁵ BRITTO, Maria de Lourdes Sá. Delaine quer ser astronauta. *Correio Infantil*, domingo, 20 de junho de 1971. Acervo pessoal, recorte de jornal, sem paginação.

Para além do contexto dos filhos de assinantes das camadas médias urbanas ou do universo escolar, a página tinha a sensibilidade de captar também outras experiências, ainda que episodicamente, como o caso do engraxate da Praça da Alfândega, perto da redação do *Correio*, que era leitor do *Correio Infantil* e esperava ganhar um rádio do pai no Natal.



Figura 4. O *Correio Infantil* de 22 de dezembro de 1968 registrou um encontro entre Maria de Lourdes e as crianças na Praça da Alfândega, zona central de Porto Alegre.

Como evoca a própria metáfora do título do jornal espelhada na seção infantil, a mediação dos Correios e particularmente da carta – entendida como estrutura comunicativa com sua lógica de saudação, interlocução e que prevê o tempo da escrita e da espera nas entrelinhas –, estabelece uma espécie de pacto epistolar entre a equipe editorial e seu público. Durante os anos 1960, a seção de endereços “Amigos de Longe” disponibilizava endereços de leitores das mais diversas cidades para que pudessem trocar cartas entre si, resultando em amizades e até casamentos, como o jornal viria a festejar posteriormente.

A mentora do *Correio Infantil*



Figura 5. Maria de Lourdes e as crianças na redação do *Correio do Povo*. Acervo pessoal, s/data.

Maria de Lourdes Sá Britto nasceu em 16 de abril de 1925 em Passo Fundo, RS. O pai, Renato Sá Britto, jornalista, faleceu quando ela tinha pouco mais de quatro anos. As vivências da infância, a lembrança do pai, o tempo vivido na casa dos tios – essas memórias são acionadas em boa parte das narrativas em primeira pessoa assinadas pela jornalista. Espécie de autobiografia em fragmentos, é possível entrever uma construção sobre si expressa nas matérias publicadas ao longo das mais de duas décadas da página, como no texto “O armário mágico” de 1971:¹⁶

[...] mas o que mais me agradava dentro daquela casa era um armário e, neste, eu nunca mexi. Era um armário de tábuas rústicas que ocupava uma parede e que ia quase até o teto. Cheio de prateleiras de alto a baixo. Servia ele como uma espécie de despensa, onde tia Chinita guardava tudo o que de bom fazia ou comprava: caixetas de pessegada, goiabada, marmelada, biscoitos, doces em calda, latas de bala, rapadurinhas de leite, corações de mel, barrinhas de chocolate, broinhas, enfim uma infinidade de coisas gostosas. No alto do armário havia uma sinetinha. Quando este era aberto, a sinetinha tocava (eis a razão porque nunca pude mexer nele...). Cada vez que ouvia a sinetinha do armário soar, corria até a peça onde ele estava para ver o que tia Chininha ia tirar de dentro dele. Naturalmente, sempre ganhava alguma coisa.

Em 1948, Maria Lourdes foi diplomada na tradicional escola de formação de professores, o Instituto de Educação Flores da Cunha em Porto Alegre. Ao longo dos 25 anos de exercício do magistério, foi se especializando no trabalho com crianças com necessidades especiais e Síndrome de Down e tornou-se um membro atuante da APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Porto Alegre. Neste universo, as cartas dos seus alunos guardadas no acervo são indícios particulares de uma relação de afeto e dedicação que levou a jornalista ao reconhecimento público na área. Em 1983, um ano antes do *Correio Infantil* encerrar seu ciclo na primeira fase de existência do *Correio do Povo*, recebeu o título de Cidadã Emérita de Porto Alegre pela Câmara dos Vereadores.

Apesar de a página ter iniciado em 1958, documentos pessoais da jornalista apontam que ela foi efetivada como repórter da Caldas Júnior em 1º de janeiro de 1961. Na redação, onde chegava geralmente no meio da tarde, seus colegas a chamavam de “Baixinha”. Recordam seu temperamento extrovertido e congregador a ponto de responsabilizar-se pelas festas de final de ano na redação, do consumo obsessivo de cigarros, do gosto pela vida social e cultural, por certo espírito boêmio e do apreço pelo jogo. Sentava-se junto ao editor de Cultura, Paulo Fontoura Gastal, responsável pelo conjunto de páginas e cadernos,

¹⁶ BRITTO, Maria de Lourdes. O Armário Mágico, *Correio Infantil*, 8 de janeiro de 1961. Acervo pessoal, s/página.

entre eles o infantil. O jornalista Antonio Hohlfeldt, por exemplo, começou seu longo vínculo com a Caldas Júnior justamente pelas frequentes colaborações no *Correio Infantil*. Quando passou a integrar o corpo da redação, partilhava da mesma editoria de Maria de Lourdes: “Muitas vezes eu vi crianças indo até a redação do jornal para receberem seus prêmios. E eu ficava na mesa de trás, então Maria de Lourdes sempre me apontava e dizia; ‘este começou aqui na página!’”. Ela tinha orgulho muito grande disso”.¹⁷

Maria de Lourdes fez parte de um raro grupo de mulheres nos anos 1960 – e nesse grupo inserimos a jornalista de cultura e colunista social Lígia Nunes, sua melhor amiga – a integrar uma redação majoritariamente masculina. Carla Irigarai, que foi efetivada no início dos anos 1970 e que chegou a trabalhar junto à página infantil, também fez parte desta geração de precursoras no *Correio do Povo*, percebendo da mesma forma o quanto estavam mobilizadas em torno de conteúdos, até então, naturalizados e adequados para mulheres de sua geração: a cultura, a música, a arte, a sociabilidade, a lida com as crianças, a educação.

Considerações finais sobre o início de um percurso

Pelas memórias da redação, o *Correio Infantil* era visto como uma espécie de “licença poética”. Neste primeiro percurso em torno desta possível licença poética nas rotinas de um jornal, encontramos os vestígios de uma história cultural da leitura, ou da lenta tecedura do contrato de fidelidade que uniu jovens leitores a um jornal quase centenário em torno de sentimentos como confiança, respeito e afeto, aproximando a instituição do jornalismo das possibilidades de educação não formal. Encontramos também pistas de uma história ainda recente da chegada de mulheres trabalhadoras nos periódicos sulinos. Em um universo de publicações marcadas pelo dever-ser da boa e estudiosa criança, a página *Correio Infantil* reconstrói o universo infantil buscando captar singularidades da experiência do leitor, abrindo a ele os mistérios de um jornal e o fascínio de fazer parte do mundo impresso ali.

A próxima fase da pesquisa visa aprofundar a leitura do acervo de documentos e ampliar a análise qualitativa da amostra de textos e páginas. Pretendemos lançar luz à história de vida de Maria de Lourdes de Sá Britto entremeada na história da página que criou e acompanhou até o fim, no dia 10 de junho de 1984. Nesta última edição realizada com a tradicional pauta junina, talvez ainda sem a dimensão de que seria a última, uma

¹⁷ Entrevista concedida por Antonio Hohlfeldt em 29 de abril de 2016 a Amanda Gomes.

história provavelmente divertiu os leitores ao contar a paixão de um balão azul e amarelo que foge das mãos das crianças e se enrosca apaixonado em uma antena de televisão.

Referências

ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2013

BASTOS, M. H.. **Divertir, educar e formar: Cacique – a revista da garotada gaúcha (1954-1963)**. In: << <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo03/Maria%20Helena%20Camara%20Bastos%20-%20Texto.pdf>>> Acesso em 11 de julho de 2016.

FURTADO, T. H.. **O jornalismo infantil e o desejo de consumo: o discurso da revista Recreio**. 2013. 338p. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Curso de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

VERGUEIRO, W.; SANTOS, R. E. **A postura educativa de *O Tico-Tico*: uma análise da primeira revista brasileira de histórias em quadrinhos**. Comunicação & educação v.XIII, n. 2, pp. 23-34, maio-ago 2008.

ZILBERMAN, R.; LAJOLO, M. **Um Brasil para crianças**. Para conhecer a literatura infantil: histórias, autores e textos. São Paulo: Global, 1986.